

DIÁLOGOS MORAIS DE LEOPARDI

Gleiton Lentz¹

RESUMO: Apresenta-se a tradução integral de três diálogos filosófico-morais do escritor italiano Giacomo Leopardi, respectivamente, *Diálogo da Moda e a Morte*, *Diálogo da Natureza e uma Alma* e *Diálogo da Terra e a Lua*, pertencentes ao livro *Operetti Morali*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura italiana; Giacomo Leopardi; tradução literária.

Apresentação

Em carta dirigida ao amigo Giordani, em 1820, o poeta italiano Giacomo Leopardi escreveu que seus diálogos se tratavam de “pequenas prosas satíricas”, e que ele os havia escrito para vingar-se do mundo e de sua falsa virtude. A assertiva do poeta é importante para entender a ironia, a sátira e a rebelião com os quais foram escritos. De fato, no interior desses textos (publicados em seu antológico *Operette Morali*, escrito entre 1824 e 1832) estão presentes muitos conceitos-mitos, que o autor coloca na fala de personagens fantásticos ou míticos, e os discute sob um viés filosófico-moral. Aqui reúno uma breve mostra desses diálogos, cujo estilo tipicamente leopordiano procurei preservar na tradução, ao não sistematizar em português o original em italiano, que também apresenta uma sintaxe livre ao extremo, mediante pausas constantes (através do uso recorrente de ponto-e-vírgulas), construção gramatical truncada (uso de uma pontuação incomum e variação sintática na ordem dos termos) e vocabulário arcaico (mediante o uso de palavras raras e em desuso). Ao se ler os diálogos, é fácil perceber como Leopardi ansiava uma prosa que fosse, ao mesmo tempo, iluminista, isto é, racional, e poética, capaz de apreender e convencer e, em última instância, sensibilizar. São três os diálogos, a saber, *Diálogo da Moda e a Morte*, *Diálogo da Natureza e uma Alma* e *Diálogo da Terra e a*

¹ Gleiton Lentz é Bacharel em Língua e Literatura Italiana e mestrando do curso de Estudos da Tradução pela UFSC. Tradutor de Dino Campana (*Cantos Órficos*, 2004), Delmira Agustini (*Líricas*, 2005), entre outros autores, se dedica ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana. Atua também como colaborador do Dicionário de Tradutores Literários e integra a comissão editorial da revista *Scientia Traductionis*. Contato: dakria@gmail.com

Lma. Os textos traduzidos seguem a edição: *Tutte le opere*. A cura di Walter Binni. Firenze: Sansoni Editori, 1969.

DIÁLOGO DA MODA E A MORTE (1824)

Moda. Madame Morte, madame Morte.

Morte. Espera que a hora chegue, e virei sem que me chames.

Moda. Madame Morte.

Morte. Vai com o diabo. Virei quando não quiseres.

Moda. Como se eu não fosse imortal.

Morte. Imortal? Passado é já mais que o milésimo ano que se acabaram os tempos dos imortais.

Moda. Também a Madame petrarquiza como se fosse um lírico italiano do século XV ou XVIII?

Morte. Aprecio os poemas de Petrarca, porque neles encontro o meu Triunfo, e porque falam de mim quase que em toda parte. Mas, enfim, sai de perto de mim.

Moda. Vamos, pelo amor que tens aos setes pecados capitais, fica um pouco e olha-me.

Morte. Olho-te.

Moda. Não me conheces?

Morte. Deverias saber que tenho uma vista ruim e que não posso usar óculos, porque os ingleses não fazem um que me sirva, e se caso o fizessem, eu não teria onde apóia-los.

Moda. Eu sou a Moda, tua irmã.

Morte. Minha irmã?

Moda. Sim; não te lembras que nós duas nascemos da Caducidade?

Morte. Que tenho eu de me lembrar, que sou inimiga capital da memória.

Moda. Mas eu me lembro muito bem; e sei que ambas nos lançamos, de igual maneira, a desfazer e modificar continuamente as coisas aqui embaixo, embora tu sigas, para isso, por um caminho, e eu, por outro.

Morte. Se por acaso não estás falando com tua razão ou com alguém que esteja na tua garganta, eleva mais a voz e articula melhor as palavras; porque se segues murmurando entre os dentes com essa voz de teia-de-aranha, apenas te compreenderei amanhã, porque o ouvido, se não sabes, não me serve mais do que a vista.

Moda. Se bem que eu seja contrário à polidez, e que na França não se costuma falar para ser ouvido, mesmo porque somos irmãs e entre nós podemos falar sem muita cerimônia, falarei como quiseres. Digo que a nossa natureza e hábitos comuns são de renovar continuamente o mundo, mas tu, desde o princípio, te lançaste às pessoas e ao sangue; eu me contento, na maioria das vezes, com as barbas, com os cabelos, com as roupas, com os utensílios domésticos, com os palácios e coisas tais. É bem verdade, porém, que não deixei e não deixo de fazer ainda jogos que se comparam aos teus, como, por exemplo, furar ora orelhas, ora lábios e narizes, e rasgá-los com as futilidades que penduro neles; queimar a carne dos homens com figuras ardentes que eu mando imprimir por beleza; deformar a cabeça das crianças com ataduras e outras engenhocas, impondo, como costume, a que todos os homens tragam uma imagem na cabeça, como fizera na América e na Ásia; estropiar as pessoas com sapatos estreitos; aprisionar-lhes a respiração e fazer que os olhos lhe soltem pelo aperto dos corpetes; e centenas de outras coisas desse tipo. Aliás, geralmente falando, persuado e constrinjo os homens nobres a suportarem todos os dias mil dificuldades e incômodos, e por vezes dores e sofrimentos, e outros, a morrer gloriosamente pelo amor que me têm. Não quero dizer nada das dores de cabeça, dos resfriados, dos refluxos de toda a sorte, das febres diárias, terçãs, quartãs, que os homens ganham por obedecer-me, consentindo em tremer de frio ou sufocar de calor, conforme eu queira, em proteger as costas com lãs e o peito com tecidos variados, e fazer tudo ao meu modo, ainda que seja em seu próprio detrimento.

Morte. Concluindo, creio que tu sejas minha irmã e, se quiseres, tenho isso mais certo do que a morte, sem que precisas da certidão de fé do pároco. Mas, estando assim parada, eu desfaleço; contudo, se tens ânimo para correr ao meu lado, trata de não te acabares, porque eu logo me escapo, e correndo poderás contar-me o que queres; senão, em consideração ao nosso parentesco, prometo que, quando eu morrer, deixo-te todas as minhas coisas, e ficas com as boas novas.

Moda. Se tivéssemos que participar juntas do pátio, não sei qual das duas venceria a prova, pois, se correres, vou melhor a galope; e se parares em algum lugar, tu desmaias, eu desfaleço. De modo que recomecemos a correr, e assim, como dizes, falaremos sobre nossos casos.

Morte. Vamos com calma. Pois, uma vez que tu nasceste do corpo de minha mãe, seria conveniente que me ajudasses, de algum modo, em meus negócios.

Moda. Eu já o fiz no passado mais do que pensas. Em primeiro lugar, sou eu que sempre anulo ou transformo todos os costumes, jamais permiti que a prática da morte se acabasse, e por isso podes ver que ela perdura universalmente até hoje desde o princípio do mundo.

Morte. Grande milagre que não tenhas feito o que não podias!

Moda. Como não podia? Demonstras não conhecer a força da moda.

Morte. Tudo bem: sobre isso teremos tempo para discorrer, quando vier o costume que não se morra. Mas enquanto isso gostaria que, como boa irmã, me ajudasses a obter o contrário mais facilmente e mais rápido do que tenho feito até agora.

Moda. Já te contei algumas de minhas obras que te foram de muito proveito. Mas elas são irrisórias quando comparadas às que quero te contar. Aos poucos, e sobretudo nestes últimos tempos, eu, para favorecer-te, ordenei que caíssem em desuso e no esquecimento as fadigas e os exercícios que auxiliam no bem-estar corporal, e introduzi ou valorizei incontáveis outros que sacrificam o corpo em milhares de modos e encurtam a vida. Além disso, impus ao mundo tais regras e tais costumes, que a própria vida, em relação ao corpo como à alma está mais morta do que viva; tanto é verdade que este século pode ser considerado o século da morte. E outrora não tinhas outras propriedades mais do que fossas e cavernas, onde semeavas ossos e pó no escuro, que são sementes que não brotam; agora tens terrenos ao sol; e pessoas que se movem e andam com os próprios pés, são coisas, pode-se dizer, da tua livre razão, e ainda que não as tenha colhido, tens de suportar que nasçam. Ademais, onde, no passado, costumavas ser odiada e vituperada, hoje, por obra minha, as coisas estão reduzidas a tais termos que qualquer um que tenha inteligência, preza-te e louva, antepondo-te à vida, e te quer tão bem que sempre te chama e te dirige os olhos como à sua maior esperança. Finalmente, por ver que muitos se vangloriavam em tornar-se imortais, isto é, sem morrer inteiramente, e que uma boa parte deles não chegaria às tuas mãos, embora eu soubesse que isso não passasse de conversa

fiada, e que quando esses ou outros vivessem na memória dos homens, viviam, por assim dizer, de brincadeira, e não gozavam da fama mais do que sofressem com a umidade da sepultura; de qualquer forma, percebendo que esse negócio dos imortais te irritava, já que parecia diminuir tua honra e reputação, acabei com esse costume de procurar a imortalidade, e também de concedê-la no caso que alguém a merecesse. De modo que, no presente, tenhas certeza disso, quem quer que morra não lhe restará uma migalha viva, e lhe convirá levar rapidamente tudo para baixo da terra, como um peixinho que é engolido em uma bocada, da cabeça à espinha. Essas coisas, que não são poucas nem insignificantes, acredito ter feito até então por amor a ti, querendo aumentar teu poder na terra, como tem ocorrido. E para tal, estou disposta a fazer o mesmo, e mais, a cada dia; com essa intenção, tenho te procurado; e me parece, a propósito, que nós, daqui por diante, não devemos nos separar uma da outra, porque, estando sempre em companhia, poderemos nos consultar, conforme os casos, e tomar melhor partido que de outra forma, como também mandá-los com mais acerto à execução.

Morte. Dizes a verdade, e assim quero que façamos.

DIÁLOGO DA NATUREZA E UMA ALMA (1824)

Natureza. Vai, minha filha predileta, que assim serás mantida e chamada ao longo dos séculos. Vive, e sê grande e infeliz.

Alma. Que mal cometi antes de viver, para que me condenes a essa pena?

Natureza. Que pena, minha filha?

Alma. Não me condenas a ser infeliz?

Natureza. Mas, ao mesmo tempo quero que sejas grande, e não se pode isso sem aquilo. Além do que, estás destinada a vivificar um corpo humano; e todos os homens por necessidade nascem e vivem infelizes.

Alma. Mas, ao invés disso, seria razoável que tu provesses de modo que fossem felizes por necessidade; ou, não podendo fazê-lo, conviria que te abstivesses de pô-los no mundo.

Natureza. Nem uma nem outra coisa está em meu poder, que estou sujeita ao destino; que ordena, aliás, qualquer que seja a razão; que nem tu nem eu podemos entender. Ora, como foste criada e disposta a dar forma a uma pessoa humana, já nenhuma força, nem minha nem de qualquer outro, é capaz de livrar-te da infelicidade comum dos homens. Mas além dessa força, é necessário que mantenhas uma própria e muito maior, de cuja excelência eu te dotei.

Alma. Ainda não aprendi nada; começando a viver nesse momento: e daí se segue que eu não te compreendo. Mas, diz-me, excelência e infelicidade extraordinária são, substancialmente, a mesma coisa? E sendo duas coisas, não poderias separá-las uma da outra?

Natureza. Na alma dos homens, e proporcionalmente na de todas as espécies de animais, pode-se dizer que uma e outra são a mesma coisa: porque a excelência das almas exige maior intensidade de vida; o que implica maior sentimento de infelicidade própria; ou como se dissesse maior infelicidade. Igualmente, a maior vida das almas inclui maior eficácia de amor-próprio, para onde quer que esse se incline e em qualquer face se manifeste: à maior quantidade de amor próprio corresponde maior desejo de beatitude, por outro lado maior desgosto e aflição na sua privação, e maior dor frente às adversidades que sobrevêm. Tudo isso está contido na ordem primigênia e perpétua das coisas criadas, que não posso alterar. Além disso, a argúcia do teu próprio intelecto, e a vivacidade da imaginação, excluir-te-ão de uma boa parte do domínio de ti mesma. Os animais brutos usam com agilidade, para os fins que se propõem, todas as suas faculdades e força. Mas os homens, raríssimas vezes, têm o poder sobre tudo o que possuem; impedidos comumente pela razão e pela imaginação; que criam mil dúvidas no deliberar e mil contenções no executar. Os menos aptos ou menos habituados a ponderar e considerar a si mesmos, são os mais rápidos em decidir e os mais eficazes no agir. Mas tuas semelhantes, implicadas continuamente nelas mesmas, e como que vencidas pela grandeza das próprias faculdades, e daí impotentes por si, sujeitam-se, na maior parte do tempo, à irresolução, assim deliberando como agindo: o que é um dos maiores tormentos que afligem a vida humana. Acrescente-se que, enquanto, pela excelência das tuas disposições, ultrapassares com facilidade, e em pouco tempo, quase todas as outras da tua espécie nos conhecimentos mais pesados e nas disciplinas também mais difíceis, não menos te será sempre impossível ou sumamente trabalhoso, aprender ou pôr em prática muitíssimas coisas menores

em si, mas necessárias para a comunicação com os homens; e verás que eles, ao mesmo tempo, exercitarão perfeitamente e aprenderão sem dificuldade com mil engenhos, não apenas inferiores a ti, mas desprezíveis de todo modo. Essas e outras infinitas dificuldades e misérias ocupam e envolvem as grandes almas. Mas elas são abundantemente recompensadas pela fama, pelos louvores e pelas honras que a sua grandeza faz frutificar nesses egrégios espíritos, e pela duração da lembrança que deixam de si aos seus pósteros.

Alma. Mas esses louvores e honras aos quais te referes, eu os receberei do céu, de ti, ou de quem mais?

Natureza. Dos homens: porque outros, a não ser eles, não podem te dar.

Alma. Agora, vê, eu pensava que, não sabendo fazer o que é muito necessário, como dizes, no contato com os homens, e que se torna fácil até para os mais pobres engenhos; seria vilipendiada e evitada, não mais que louvada, pelos mesmos homens; ou mais certamente seria desconhecida por quase todos por ser inábil ao convívio humano.

Natureza. Não me é dado prever o futuro, nem mesmo preanunciar-te infalivelmente o que os homens estão para fazer e pensar em relação a ti, enquanto estiveres sobre a terra. É bem verdade que da experiência do passado eu infiro, como o mais verossímil: que eles devem perseguir-te com a inveja; que é uma outra calamidade que habitualmente vai contra as almas excelsas; ou seja, estão sempre a oprimir-te com o desprezo e a indiferença. Além do que, a própria sorte e o próprio destino, costumam ser inimigos das tuas semelhantes. Mas logo depois da morte, como aconteceu ao chamado Camões, ou a alguém mais que virá daqui a alguns anos, como ocorre a outro chamado Milton, serás celebrada e elevada ao céu, não direi por todos, mas, ao menos, pelo pequeno número dos homens de bom senso. E talvez as cinzas da pessoa em que habitarás, repousarão em magnífica sepultura; e suas feições, imitadas de diversos modos, estarão nas mãos dos homens; e serão descritas por muitos, e por outros, transmitidos através da memória com grande esforço, os fatos da sua vida; e por último, todo o mundo civilizado estará repleto de seu nome. Exceto se, pela malignidade da sorte, ou pela própria superabundância das tuas faculdades, não fores perpetuamente impedida de mostrar aos homens algum sinal discreto do teu valor: do qual não faltam, na verdade, muitos exemplos, conhecidos apenas por mim e pelo destino.

Alma. Minha mãe, apesar de não possuir ainda outros conhecimentos, sinto contudo que o maior, aliás o único, desejo que me deste é o da felicidade. E, posto que seja capaz de alcançar a glória, com certeza, não de outra forma, posso cobiçar este não sei se digo bem ou mal, ou então apenas felicidade, ou o porquê da utilidade de conquistá-la. Agora, segundo tuas palavras, a excelência com que me dotaste bem poderá ser ou necessária ou proveitosa para alcançar a glória; porém não leva à beatitude, pelo contrário, lança violentamente à infelicidade. Nem mesmo é crível que a própria glória me conduza à morte: depois que ela chegar, que proveito ou alegria poderão me proporcionar os maiores bens do mundo? E por último, pode facilmente acontecer, como dizes, que essa tão esquiva glória, preço de tanta infelicidade, não me atinja de modo algum, mesmo depois da morte. De modo que, pelas tuas próprias palavras, concludo que, ao invés de me amar singularmente, como afirmavas no princípio, me tens ódio e malevolência maiores do que os homens e a sorte, enquanto eu estiver no mundo; pois não duvidaste em dotar-me de tão calamitoso dom que é esta excelência de que tanto ostentas. Ela será um dos principais obstáculos que me impedirão de atingir minha única intenção, isto é, a beatitude.

Natureza. Minha filha; todas as almas dos homens, como te dizia, estão condenadas à força à infelicidade, não por minha culpa. Mas na universal miséria da condição humana, e na infinita vaidade de todo o seu prazer e proveito, a glória é julgada pela melhor parte dos homens, como o maior bem concedido aos mortais, e o mais digno objeto que podem proporcionar aos seus cuidados e ações. Daí que, não por ódio, mas por verdadeira e especial benevolência que te infundi, deliberei oferecer-te, para alcançar esse objetivo, todos os subsídios que estavam em meu poder.

Alma. Diz-me: dos animais brutos que mencionavas, há, porventura, algum dotado de menor vitalidade e sentimento do que os homens?

Natureza. Começando pelas plantas, todos, uns mais, outros menos, são inferiores ao homem; que tem maior abundância de vida, e maior sentimento, que nenhum outro animal; por ser de todos os seres vivos o mais perfeito.

Alma. Então, aloja-me, se me amas, no mais imperfeito: ou, se não podes fazê-lo, despoja-me dos funestos dotes que me enobrecem, faz-me conforme o mais estúpido e insensato espírito humano que produziste em qualquer tempo.

Natureza. Dessa última coisa posso te satisfazer; e vou fazê-lo; pois negas a imortalidade, em direção da qual te havia enviado.

Alma. E em troca da imortalidade, peço-te que me aceleres a morte o mais que puderes.

Natureza. Sobre isso, consultarei o destino.

DIÁLOGO DA TERRA E A LUA (1824)

Terra. Querida Lua, sei que podes falar e responder; por seres uma pessoa; conforme o que entendi muitas vezes dos poetas: além de que nossas crianças dizem que tens boca, nariz e olhos de verdade, como cada uma delas; e que elas os vêem com seus próprios olhos; que nessa idade, com razão, devem ser agudíssimos. Quanto a mim, não duvido que não saibas que sou, nem mais nem menos, uma pessoa; tanto que, quando era mais jovem, tive muitos filhos: assim que não te espantarás em ouvir-me falar. Por isso, minha bela Lua, apesar de ter estado tão próxima de ti por tantos séculos, cujo número não me lembro, jamais te dirigi a palavra até agora, porque os afazeres me mantiveram tão ocupada, que não me restava tempo para conversar. Mas hoje que meus negócios reduziram-se a pouca coisa, ou melhor, que posso dizer que já caminham com os próprios pés; não sei mais o que fazer, e irrompo em tédio: mas, no futuro, proponho-me falar com frequência contigo, e ocupar-me muito dos teus casos; quando não seja com os teus aborrecimentos.

Lua. Não tenhas dúvida. Assim me livre a sorte de outros incômodos, como estou certa que não me causarás. Se quiseres falar comigo, à vontade; pois, ainda que amiga do silêncio, como creio que saibas, te escutarei e te responderei com prazer, para prestar-te um favor.

Terra. Ouves esse som agradabilíssimo que os corpos celestes fazem ao se movimentar?

Lua. Para dizer-te a verdade, não ouço nada.

Terra. Tampouco eu ouço nada, além do estrépito do vento que vai dos meus pólos ao equador, e do equador aos pólos, e que demonstra nada saber de música. Mas Pitágoras disse que as esferas celestes emitem um certo som tão suave que é uma beleza; e que fazes também a tua parte, e és a oitava corda desta lira universal: mas eu ensurdeci com o próprio som, e por isso não consigo ouvir.

Lua. Com certeza, também ensurdeci; e, como disse, não ouço: e não sei nada sobre ser uma corda.

Terra. Então, mudemos de assunto. Diz-me: és povoada de verdade, como afirma e juram milhares de filósofos antigos e modernos, de Orfeu até De la Lande? Mas eu, por mais que me esforce em esticar estes meus cornos que os homens chamam montes e picos; nas pontas dos quais venho te observando, como um caracol; não chego a descobrir em ti nenhum habitante: se bem ouço que um tal Davi Fabrício, que via melhor do que Linceu, descobriu, certa vez, alguns deles que estendiam roupas ao sol.

Lua. Dos teus cornos, não sei o que dizer. O fato é que sou habitada.

Terra. De que cor são esses homens?

Lua. Que homens?

Terra. Aqueles que te habitam. Não dizes que és habitada?

Lua. Sim, e daí?

Terra. E daí que não serão apenas animais os teus habitantes?

Lua. Nem animais nem homens; pois não sei que espécie de criaturas são uns ou outros. E já das muitas coisas que me vens assinalando, a propósito, como eu presumo, dos homens, não compreendi patavina.

Terra. Mas que espécie de povos são esses?

Lua. Muitos e diferentíssimos que não conheces, como não conheço os teus.

Terra. Isso me parece de tal modo estranho que, se não partisse de ti mesmo, não acreditaria nisso por nada deste mundo. Nunca foste conquistada por alguns dos teus?

Lua. Não, que eu saiba. Como? E por quê?

Terra. Por ambição, por cobiça de outrem, com as artes políticas, com as armas.

Lua. Não sei o que quer dizer armas, ambição, artes políticas, em suma, nada do que dizes.

Terra. Tudo bem, mas se não conheces as armas, conheces então a guerra: porque, há pouco tempo, um físico daqui, com uns telescópios, que são instrumentos feitos para ver de muito longe, descobriu aí uma bela fortaleza, com seus bastiões eretos; o que é sinal que tua gente faz uso, senão de outra coisa, dos assédios e das batalhas murais.

Lua. Perdoa-me, senhora Terra, se eu te responder um pouco mais deliberadamente que do que conviria a uma tua súdita ou criada, como sou. Na verdade, me pareces pior do que uma néscia, em pensar que todas as coisas de qualquer parte do mundo sejam semelhantes às tuas; como se a natureza não tivesse tido outra intenção que te copiar, ponto a ponto, em toda parte. Eu digo que sou habitada, e disso conclusi que meus habitantes devem ser homens. Advirto-te que não o são; e tu, concordando que sejam outras criaturas, não duvides que não tenham as mesmas qualidades e os mesmos problemas dos teus povos; e me alegas os telescópios de não sei qual físico. Mas se esses telescópios não vêem melhor em outras coisas, devo acreditar que têm a boa visão de tuas crianças; que descobrem em mim os olhos, o nariz, que não sei onde os tenha.

Terra. Então não será também verdade que tuas províncias sejam equipadas de estradas longas e limpas; e és cultivada; coisas que da parte da Alemanha, pegando-se um telescópio, vêem-se claramente.

Lua. Não reparei se sou cultivada, e não vejo minhas estradas.

Terra. Querida Lua, debes saber que eu sou de massa grossa e de cérebro redondo; e não é de espantar que os homens me enganem facilmente. Mas posso dizer-te que se os teus não se preocupam em conquistar-te, nem sempre estiveste livre do perigo: porque, em tempos diversos, muitas pessoas daqui se animaram em conquistar-te; e para tal se preparam muito. E mesmo subindo em lugares altíssimos, erguendo-se nas pontas dos pés e estendendo os braços, não puderam chegar a ti. Além disso, já há não poucos anos, vejo espiarem minuciosamente cada canto teu, desencavarem os mapas das tuas regiões, medirem as alturas desses montes, dos quais sabemos também os nomes. Dessas coisas, pela boa vontade que tenho contigo, me pareceu por bem te avisar, a fim que não deixes de tomar as tuas providências, em todo o caso. Agora, mudando de assunto, como te sentes sendo incomodada pelos cães que latem contra ti? O que pensas daqueles que te mostram uma outra lua no poço? És mulher ou homem?

Porque, antigamente, as opiniões sobre isso eram diversas. É verdade ou não que os Arcades vieram ao mundo antes de ti? Que tuas mulheres, ou como quer que deva chamá-las, são ovíparas; e que um de seus ovos caiu aqui não sei quando? Que és furada, como as contas de um terço, como acredita um físico moderno? Que és feita, como afirmam alguns ingleses, de queijo fresco? Que Maomé, um dia, ou uma noite que fosse, te partiu ao meio, como uma melancia; e que um bom pedaço do teu corpo lhe escorregou manga adentro? Como te sentes em cima dos minaretes? O que achas da festa do bairão?

Lua. Continua; pois enquanto segues assim, não tenho motivo para responder-te e de quebrar meu silêncio habitual. Se gostas de distrair-te com conversas fiadas, e se não encontras outros assuntos; ao invés de dirigir-se a mim, que não posso te compreender, seria melhor que mandasses os homens fabricarem um outro planeta para que gire em torno de ti e que seja composto e habitado à tua maneira. Não sabes falar mais do que de homens e de cães e de coisas semelhantes, das quais tenho tantas notícias, como daquele sol imenso, ao redor do qual ouço dizer que gira o nosso.

Terra. É verdade, quanto mais me proponho abster-me, ao falar-te, de tocar em coisas sérias, menos consigo fazê-lo. Mas, de agora em diante, tomarei mais cuidado. Diz-me: és tu que te metes a jogar-me para o alto a água do mar, e depois deixá-la cair?

Lua. Pode ser. Mas, posto que eu provoque este ou qualquer outro efeito sobre ti, não percebo que o faço: do mesmo modo como tu, pelo que penso, não te dás conta dos efeitos que provocas aqui; que devem ser bem maiores dos meus, quando me superas em grandeza e força.

Terra. Desses efeitos, na verdade, só sei que, de vez em quando, tiro-te a luz do sol, e tu de mim; sei ainda, que eu ilumino imensamente tuas noites e que, algumas vezes, chego a vê-las. Mas estava me esquecendo de uma coisa que importa mais que qualquer outra. Gostaria de saber se, realmente, conforme escreve Ariosto, tudo o que cada homem vai perdendo; isto é, a juventude, a beleza, a saúde, os trabalhos e os custos que se devem ter com os bons estudos para ser honrado pelos outros, ao orientar as crianças aos bons costumes, no realizar ou promover as instituições úteis; tudo sobe e se reúne aí: de modo que aí se acham todas as coisas humanas; fora a loucura, que não se separa dos homens. No caso que isso seja verdade,

presumo que devas estar tão cheia, que não te sobre mais espaço; especialmente porque, nos últimos tempos, os homens perderam muitíssimas coisas (*verbi gratia*, o amor pátrio, a virtude, a magnanimidade, a retidão), não só parcialmente, um ou outro, como antes, mas todos e inteiramente. Por certo, se essas coisas não estão aí, não creio que podem ser achadas em outro lugar. Porém, gostaria que nós fizéssemos juntas uma convenção, onde tu me devolveses de presente, e depois, pouco a pouco, todas essas coisas; do que eu penso que tu mesma gostarias de ser aliviada, especialmente do juízo, que julgo ocupar aí um grandíssimo espaço; e faria que os homens te pagassem, todos os anos, uma boa soma de dinheiro.

Lua. Voltas a falar dos homens; e, apesar de a loucura, como afirmas, não se afastar dos teus confins, queres enlouquecer-me a todo custo, e tirar-me o juízo, ao procurar o dos outros; que eu não sei onde possa estar, nem se vai ou fica em alguma parte do mundo; sei bem que aqui não se encontra; como não se encontram as outras coisas que pedes.

Terra. Ao menos saberás me dizer se aí estão em uso os vícios, os crimes, os infortúnios, as dores, a velhice, enfim, os males? Entendes esses nomes?

Lua. Oh, esses sim, compreendo; e não só os nomes, mas as coisas que significam, conheço-as perfeitamente: porque estou repleta delas, no lugar das que acreditavas.

Terra. Quais prevalecem nos teus povos, as virtudes ou os defeitos?

Lua. Os defeitos, com certeza.

Terra. Dos quais tens maior quantidade, de bens ou de males?

Lua. De males, sem comparação.

Terra. E, em geral, teus habitantes são felizes ou infelizes?

Lua. Tão infelizes, que eu não me trocaria com o mais afortunado deles.

Terra. Aqui ocorre a mesma coisa. De modo que me espanto como, sendo tão diferente de mim em outras coisas, nessa és tão parecida comigo.

Lua. Também na forma, no movimento giratório, e pelo fato de ser iluminada pelo sol, somos parecidas; e não há espanto maior do que este: porque o mal é coisa comum a todos os planetas do universo, ou pelos menos deste mundo solar, como a rotundidade e as outras coisas que mencionei, nem mais nem menos. E se pudesses elevar a voz tão alto de seres ouvida por Urano ou Saturno, ou por qualquer outro planeta do nosso mundo; e os

interrogasse se neles existe a infelicidade, e se os bens prevalecem sobre os males ou cedem a eles; cada um te responderia como eu. Digo isso porque perguntei as mesmas coisas a Vênus e a Mercúrio, com os quais, de vez em quando, acho-me mais próxima do que de ti; também interroguei alguns cometas que passaram perto de mim: e todos me responderam como eu disse. E creio que o próprio sol e todas as estrelas responderiam do mesmo modo.

Terra. Com tudo isso, ainda tenho esperança: e hoje, em especial, os homens me prometem, para o futuro, muitas felicidades.

Lua. Aguarda segundo o teu juízo: e eu te prometo que poderás esperar eternamente.

Terra. Sabes o que é? Estes homens e estes animais fazem barulho: porque do lado de onde falo é noite, como vês, ou melhor, não vês; de modo que todos dormem; e com o estrépito que fazemos falando, despertam com muito medo.

Lua. Mas aqui, deste lado, como vês, é dia.

Terra. Agora eu não quero ser causa de espanto da minha gente, e de arruinar o seu sono, que é o maior bem que eles têm. Mas voltaremos a nos falar em outra oportunidade. Adeus então; bom dia.

Lua. Adeus; boa noite.